

Violações ao Acordo de Nkomati

O jogo duplo da RAS e as contradições internas

27/9/85

A violação do Acordo de Nkomati, por parte da África do Sul, tem provocado uma celeuma de grandes dimensões nos meios políticos, militares e económicos sul-africanos

como testemunho das profundas contradições no poder. Muito recentemente, o jornal «Business Today», num artigo assinado por Paul Bell levantava algumas questões que punham em causa a seriedade do Go-

verno sul-africano em cumprir os compromissos estabelecidos com o nosso País. E não apenas isso: o artigo demonstrava a real imagem da luta intestina que se passa nos círculos do poder sul-africano.

Da documentação capturada consta um diário dos cabecilhas dos bandos armados, no qual eles próprios relatam contactos e outros aspectos das suas relações estreitas com a África do Sul.

E Paul Bell avançou nas suas interrogações:

— Poderá acreditar-se em Maïa quando ela diz que as Forças de Defesa da África do Sul permanecem fortemente leais e adeptas ao Acordo de Nkomati?

Segundo o jornalista, o General Maïa disse que as Forças de Defesa até poderiam ter permanecido numa posição neutra em relação ao acordo, em vez de o terem apoiado.

Mas o diário — escreve Paul Bell — refere-se a mensagens entre os oficiais das Forças de Defesa da África do Sul, incluindo o seu comandante, o General Constand Viljoen e os cabecilhas dos bandos armados nas quais se pode depreender facilmente que os militares não concordaram com o Acordo de Nkomati e com o papel que o Governo sul-africano estava a desempenhar.

Os militares segundo Botha, rejeitam categoricamente o envio de mensagens aos bandos armados. Para o jornalista, o problema tem duas faces: Qualquer aceitação pelos militares sobre o envio de mensagens poderia ser redondamente infeliz.

Mas, na possibilidade de os militares aceitarem tal facto nunca se poderia esperar que o Governo sul-africano fizesse tal revolução, apenas porque dar a entender que a «Union Buildings» — a sede do governo — não está a controlar inteiramente o Quartel General das Forças de Defesa da África do Sul.

E o jornalista perguntou:

— Por que é que o diário apenas poderia estar certo quanto aos voos e às conversações em Pretória e então quanto ao fornecimento de armas e munições que se disse terem sido transportados para a Gorongosa nesses voos?

E o jornalista perguntou:

— Se algumas partes do diário são verdadeiras por que é que as outras não poderão sê-lo? Botha estava inseguro ao sublinhar que o diário foi escrito numa linguagem que dois oficiais das Forças de Defesa da África do Sul tiveram dificuldades em traduzir o que não deveria ser visto como a última palavra quanto à veracidade dos testemunhos dos originais.

Ele não admitiu que o diário fosse genuíno mas que apenas representava aquilo segundo as suas próprias palavras.

O editorialista citou a este propósito alguns exemplos. As descrições das reuniões entre os cabecilhas dos bandos armados, ele próprio Roelof Botha e o General Maïa, em Pretória no fim do ano passado, eram apenas consideradas próximas do que os dois Ministros disseram aos bandos armados.

Outra questão que o jornalista colocou é a seguinte:

— Por que é que o Vice-Ministro Louis Nel foi a Gorongosa de avião, em 14 de Junho deste ano como se lê no diário sem dizer a Roelof Botha aonde ia? Botha diz que Nel explicou-lhe mais tarde que ele assim procedera para evitar que Botha se cancelasse a viagem com receio da sua segurança pessoal.

E a este propósito o jornalista perguntou:

— Mas francamente, se as Forças de Defesa da África do Sul transportaram Nel até à Gorongosa então Maïa deverá ter tido conhecimento. Nesse caso por que é que Maïa nada disse a Botha?



IT CANNOT be denied that South Africa has been quick to admit its breach of the Nkomati Accord. The problem is with Mozambique's side. Paul Botha's explanation that it was done in the interest of reconciliation between Pretoria and Renamo?

Botha's admission, and the clarity with which government investigators Mozambique's allegations, illustrates that SA — if its intentions were as honourable as Botha and Defence Minister Magnus Malan claim them to be — is at least guilty of a footfall. The questioning would be hard put to find a deeper motive behind Botha's apparently sincere explanation of how government has supported the Accord but simultaneously breached it.

He and Maïa both indicated that stability in Mozambique was of paramount importance to both countries, and that it would therefore not make sense to try to force the destabilisation game by secretly supplying Renamo. If Pretoria lost Maputo, they would have to fight it out, in which case, there would be no guarantee that the relative prosperity of the South African border with ANC incursions — as by SA through the Act — would be maintained.

But there are questions that neither answered, which suggest that a double game is being played. Even more disturbing is the possibility that the game is not being played out simply between SA, the Mozambique government and Renamo, but within the ranks of our own government and the military intelligence community. There is also growing speculation in some quarters that, with

Is Pretoria in full accord on Nkomati?

PAUL BELL, Political Correspondent

Government credibility at this early stage, rests on its ability to provide some credible, detailed answers to the more obvious questions raised by the diary. QUESTION: If Mozambique was aware in general terms of a peace initiative and approved of it, as SA has indicated, how come that government has acted so badly to the contents of the diary?

It has interpreted the terms as a breach of the Accord, so much so that Maïa apparently even wanted to suspend the activities of the Joint Security Commission, established to monitor observance of the Accord.

QUESTION: Why, if some parts of the diary are accurate, should others not be? Botha was at pains to stress that the diary was written in a language that even two SAID Portuguese-speaking off-

icials could not understand. Mas esse jogo duplo, como escreve o editorialista, sucede dentro das fileiras do nosso próprio governo e entre o sector militar e os serviços secretos.

Há também uma crescente especulação entre observadores que nos últimos dois meses Roelof Botha foi sublimemente transformado num cavalo de batalha da luta pelo poder, que tem no Presidente do Conselho de Estado, P. W. Botha, o seu alvo principal — lê-se no artigo de Paul Bell.

Entre as questões que o jornalista colocava nesse artigo diz respeito ao facto de Roelof Botha ter sido chamado a Maputo para o Presidente Samora Machel lhe apresentar provas do envolvimento da África do Sul com os bandos armados, provas essas resultantes da documentação capturada aos bandos armados na «Casa Bananas».

E o jornalista colocou o assunto nos seguintes termos:

— Se Mocimboa estava ao corrente, em termos gerais e tivesse aprovado uma iniciativa de paz com a África do Sul, como é que o Governo moçambicano reagiu tão ferozmente ao conteúdo dos documentos?

But the diary refers to meetings between SAID officers, including SAID Chief General Con-